

Mithistória do debate persa (Heródoto, III, 80-82)

Mythistory of the Persian Debate (Herodotus, III, 80-82)

Francisco Murari Pires

murari@usp.br

Professor titular

Universidade de São Paulo

Av. Prof. Lineu Prestes - Cidade Universitária

05508-900 - São Paulo - SP

Brasil

Resumo

É predominante a tese de que o debate persa fala grego e diz a realidade histórica da *pólis* consoante o horizonte mental do *lógos* helênico. Todavia, o *lógos* herodoteano suscitou perplexidades que intrigam o melhor entendimento do texto, a denunciar ou indefinições ou ambiguidades ou mesmo inconsistências, que os críticos intentam equacionar por meios de (in) certos desvios analíticos. O presente artigo, considerando que o desenvolvimento narrativo antitético construído retoricamente pelo *Debate* contrapõe os antagonismos das formas políticas segundo uma estratégia argumentativa de significações cumulativas, propõe aproximar sua semântica conceitual de uma correspondente narrativa consagrada, entretanto, em registro de *mythos*. Assim relido o Debate a integrar a semântica mítica, propõe-se que a hermenêutica do texto herodoteano supõe a dualidade complementar de um jogo semântico: a afirmação do *lógos dominante* da linguagem em que ele se exprime ocultaria como *recessiva* a memória da linguagem do *mito* que seria (im)perceptivelmente elidido.

183

Palavras-chave

Heródoto; Historiografia; Historiografia antiga.

Abstract

A predominant thesis is that the Persian debate speaks Greek and expresses the historical reality of the *polis* according to the mental horizon of the Hellenic *logos*. However, the Herodotean *logos* has raised perplexities that call for a better understanding of the text. These perplexities point at the existence of indefinite issues, ambiguities and even inconsistencies, which the critics attempt to solve by means of (un)certain analytic makeshifts. Considering that the antithetical narrative development that is rhetorically constructed by the *Debate* works with oppositions of the political forms according to an argumentative strategy of cumulative significations, this article has the proposal of bringing its conceptual semantics closer to a *mythos*-based narrative. Under this light, in which the Debate is seen through the mythical semantics, it is proposed that the hermeneutics of the Herodotean text presupposes the complementary duality of a semantic game: the affirmation of the language's *dominant logos*, in which it finds its expression, would conceal the memory of the *myth*-language, imperceptibly suppressed, as a *recessive* memory.

Keywords

Herodotus; Historiography; Ancient historiography.

Enviado em: 19/7/2012

Aprovado em: 11/9/2012

É predominante, entre os críticos modernos, a tese de que o debate persa fala grego¹ e diz a(s) realidade(s) histórica(s) da *pólis*.² O cenário é situado por Heródoto no mundo oriental e os oradores são apresentados como nobres persas. Porém, os valores, as instituições, as ideias e as concepções pelos quais eles discorrem e refletem sobre as formas de governo remetem todos para o horizonte do mundo histórico da Grécia do século V.³ Trata-se do horizonte mental do *lógos* helênico que o texto de Heródoto assim projeta sobre a história aquemênida. Ele transpira a ambiência dos fundamentos retóricos da sofística.⁴ Ele discute e teoriza pelo debate as formas que estruturam a política,⁵ já bem consciente da evolução democrática cujos princípios virtuosos (isonomia, liberdade, mérito e responsabilidade cívica) são resolutamente contrastados com os vícios despóticos e transgressores dos bárbaros. O texto de Heródoto pensa, portanto, os avatares da história do Estado pelo enquadramento da experiência helênica, porque a *stásis* e a anarquia definem o contexto histórico de advento do tirano apresentado como o protetor do povo.

E, todavia, um tal *lógos* herodoteano suscitou também, entre seus intérpretes modernos, algumas perplexidades que intrigam o melhor entendimento do texto, a assim nele denunciar ou indefinições ou ambiguidades ou mesmo inconsistências. Pois, como se harmonizaria, então, essa confluência entre, de um lado, a valorização da democracia, ideal tido por antes próprio do mundo da *pólis* grega, e, de outro lado, a vitória final da monarquia, que define o resultado do debate? Poderiam as preferências políticas de Heródoto ter-se inclinado em favor de um outro regime que não a democracia,⁶ tida por consagrada em Atenas pela hegemonia de seu amigo Péricles?

184

Face a tais dificuldades, discerniram-se dois desvios analíticos. Seguindo por um deles, busca-se minimizar a significação discursiva conferida à vitória da monarquia então apreciada, no quadro histórico da realeza persa, como a melhor forma de regime:⁷ tal vitória não passaria de um simples recurso de

¹ Veja-se, em especial, François Hartog: "Assim, essa prova, exibida por Heródoto, é nada mais que uma prova de que Otanes *fala grego* [...] Todos os dois [Otanes e Megabizo] *falam grego* [...] Se Otanes e Megabizo *falam grego*, Dario fala, ao mesmo tempo, grego e persa" (HARTOG 1999, p. 329). Para demais indicações mais completas atinentes ao debate persa, confira-se a tese de Paulo Angelo Menezes de Souza.

² Cf. MOLES 1993, p. 118-120; FORNARA 1988, p. 164; WATERS 1985, p. 78; ERODOTO 1990, p. 197.

³ Confirmam-se especialmente as considerações de François Hartog: "Todos os dois [Otanes e Megabizo] *falam grego*, *falam* completamente do interior da cidade: suas posições não têm sentido, com efeito, senão em relação com o modelo político da cidade" (HARTOG 1999, p. 329).

⁴ Especialmente argumentado por François Lasserre (LASSERRE 1976) que identifica em Protágoras o nexo de conceitos e ideias presentes na narrativa herodoteana. Mais recentemente David Asheri questionou tal tese: "Era predominante un tempo la teoria che i ter discorsi appartenessero a un trattato sofistico attico, inserito da Erodoto nel suo testo con adattamenti minimi. Si pretendeva perfino di conoscere il nome dell'autore del trattato: Protagora, Ippia, Antifonte, Prodico. Come reazione, sono state messe in rilievo tracce stilistiche di prosa scientifica jonia, la mancanza di vere antinomie e di argomentazioni simmetriche tipicamente sofistiche, la presenza di idee religiose arcaiche e di dottrine politiche non specificamente attiche" (ERODOTO 1990, p. 196).

⁵ Confirmam-se: "Here we explore the programmatic significance of the political arguments for the larger historical narrative" Lateiner (LATEINER 1999, p. 167); "La classificazione fu poi ripresa, ampliata e modificata in senso diverso da filosofi, oratori e storici (p. es., Platone, Aristotele, Isocrate, Polibio), restando alla base delle teorie politiche occidentali antiche, medievali e moderne" (ERODOTO 1990, p. 196).

⁶ "Herodotus endorses the thesis of Otanes, in other speeches or on his own authority, namely that tyranny is incompatible with good government or justice" (LATEINER 1991, p. 171).

⁷ Confirmam-se: "Dario não refuta a tese de Otanes (monarquia = tirania), demonstrando que a monarquia difere da tirania. Toda a sua intervenção mostra como a questão, para ele, simplesmente não se levanta: a monarquia é o melhor regime porque é a monarquia – ponto final" (HARTOG 1999, p. 330); "Darius' brittle argument is as notable for what it omits as for what it includes" (LATEINER 1991, p. 169).

ajustamento textual empregue pelo historiador para conciliar os desígnios do debate teórico com o imperativo do fato histórico então narrado, uma vez que fora Dario quem ascendera ao trono da Pérsia.⁸ Seguindo já pelo outro desvio, a análise do texto inclina-se antes no sentido de negar que o debate projete qualquer tese proclamando um regime ideal, assim apreciado como o melhor de todos. O debate, então, apenas apresentaria em esboço um panorama das transmutações das formas de governo, configurando propriamente uma evolução cíclica.⁹ A exaltação da monarquia pronunciada por Dario ao final do debate se (re)articulária de volta com as censuras de que ela, entretanto, fora objeto pelo pronunciamento de Otanes ao início do debate. O fim do texto, portanto, (re)põe o início.

Operada, então, a leitura do texto herodoteano pelo enquadramento suposto de nele ver uma plena realização discursiva do *lógos* helênico, assim entendendo que ele fala estritamente o grego e que ele diz apenas o mundo clássico da *pólis*, pode-se bem apreciar o debate como um exemplar de discurso teórico sobre as formas de governo. Nisso residiria o alcance de seu sentido histórico.

Por essa perspectiva o debate respeita, portanto, à distinção das formas de regime em termos do número de agentes que detêm o poder, assim definindo a célebre tríade (monarquia, oligarquia, democracia), ou mesmo já, para alguns críticos, prefigurando também sua variação em seis formas segundo a oposição entre formas boas e formas ruins. O debate discerne, conseqüentemente, tanto os critérios quanto os princípios que fundamentam cada uma dessas formas, mais essencialmente opondo a isonomia, que igualiza todos os cidadãos na democracia, ao mérito e à excelência individual, que antes diferenciaria os

⁸ "Após terem assassinado o usurpador, os conjurados se reúnem e debatem sobre o regime a implantar: Otanes é partidário da isonomia; Megabizo deseja uma oligarquia; e Dario (*poderia ser de outro modo?*) quer estabelecer a monarquia" (HARTOGG 1999, p. 328, grifos nossos). Norma Thompson sustenta aparentemente a tese inversa: "Darius succeeds because he matters the peremptory rhetoric of a Great King. *It is not that the Persians could not have acted differently on this occasion*" (THOMPSON 1996, p. 72, grifos nossos). Todavia desenvolve argumento tautológico de pobre alternativa hermenêutica que acaba reproduzindo os modos de que alega se contrapor ("Because this is a Persian debate with no opportunities for rebuttal, the last speech is intrinsically the accented one" (THOMPSON 1996, p. 75), inclusive, por outro lado, se aproximando da reflexão de Hartog que acusa a inconsistência da retórica de Dario ("Darius is out to persuade his listeners that monarchy is the best regime possible, and he draws on Persian tradition to support this argument" (THOMPSON 1996, p. 67); confirma-se a citação de Hartog na nota 8 acima). Já James Romm dilui a relevância retórica do Debate, reduzindo sua estratégia argumentativa a uma mera razão de tese pragmática ("That is, Herodotus allows a pragmatic, non-ideological argument to tilt the scales in an otherwise equal contest: autocracy wins the day among the Persians because, by and large, it had *worked*, increasing the power and prestige of each member of the society" (ROMM 1998, p. 178). Stewart Flory argumenta sustentando a propriedade e consistência retórica do debate ("Darius' arguments in favor of monarchy win because they are convincing to the other conspirators (except for Otanes and Megabyzus). The purpose of the debate is to present a true discussion on the merits of three system of rule and not to sate an obvious point, namely, Darius did become king, and arguments in favor of monarchy (if there was a question of a change) must have prevailed. The debate is a real contest" FLORY 1987, p. 134), porém interpreta o texto de Heródoto em sentido divergente do proposto por nós, antes entendendo a concepção apresentada por Dario como aproximação (antecipada) da noção de "filósofo rei" e, situando-a, pois, integrada ao horizonte do *lógos* ("In fact, all three of the speeches in this debate as well as the circumstances in which the debate occurs shed light on the motif of the philosopher king[...]" FLORY 1987, p. 128-129).

⁹ "Les trois interventions qui composent cette discussion (ou plutôt la somme de celles-ci) font apparaître une même hypothèse: toute forme de constitution politique dégénère en sa face négative; ce processus de dégénérescence donne naissance à un cycle tel que, dans l'histoire, on passe d'un régime à un autre" (CANFORA 1993, p. 200). Confirma-se sua análise do texto de Heródoto assim intitulada: "la théorie cyclickue" (CANFORA 1993, p. 200-204), especialmente a seguinte passagem: "Darius sort vainqueur: mais il l'est sur le plan historique, no sur celui de la dialectique. Du point de vue de la démonstration, ses arguments viennent s'ajouter à ceux développés par les deux interlocuteurs précédents, ils ne les annulent pas. Sur le plan dialectique, le débat n'a ni vainqueurs ni vaincus; et il ne peut qu'en être ainsi, puisque cette conclusion ouverte correspond à la succession cyclique des constitutions, chacune sur les ruines des la précédente et grâce à ses défauts, suivant une évolution qui ne peut avoir de fin, voire de conclusion" (CANFORA 1993, p. 202).

cidadãos em âmbito de alguma pluralidade na oligarquia ou de estrita singularidade na monarquia. O debate também assim compara especialmente tais formas pela consideração de suas respectivas virtudes em contraste com seus vícios, ao avaliar que efeitos sobre a natureza humana eles inerentemente teriam.

Uma tal teorização tem por fundamento uma espécie de semântica política que traduz a experiência histórica da *pólis* grega que Heródoto conhecia, assim formulada por uma rede de abstrações conceituais (natureza humana, orgulho, inveja, despotismo, tirania, desmedida (*hybris*), transgressão, degenerescência, etc.). Trata-se, pois, de um discurso estruturado em termos de uma razão conceitual homogênea, de modo que a monarquia referida por Otanes suporia justamente o mesmo conceito que a aludida por Dario.¹⁰

Similarmente ocorre no que respeita às ideias acerca do homem e sua natureza: estariam em jogo as mesmas significações e as mesmas implicações, seja para a fala de um discurso seja para a do outro, fosse quando Otanes reflete a propósito “daquele que poderia ser o melhor homem”, fosse quando é Dario quem o diz. A hermenêutica do discurso se organiza, portanto, considerando que as referências feitas pelos diferentes oradores supõem todas um mesmo e único plano lógico de significação conceitual, de maneira a consequentemente apreciar suas diferenças em termos de virtudes contra vícios respectivos.

186

Um componente da arquitetura retórica do discurso permanece, entretanto, senão ignorado, pelo menos algo desconsiderado por essa hermenêutica: o desenvolvimento narrativo antitético que contrapõe os antagonismos das formas políticas segundo uma estratégia argumentativa de significações cumulativas. A trama retórica tecida pelo primeiro orador, Otanes, começa sua argumentação obrando o processo de uma forma viciosa primeira (a monarquia-tirania), para então terminar proclamando o elogio da forma virtuosa que, a seus olhos, lhe é contraposta: a democracia que a supera. Megabizo, em seguida, reproduz esta estratégia, mas amplificando-a na medida em que ele está de acordo com as críticas feitas por seu predecessor contra o primeiro regime denunciado (a monarquia). Porém, diverge de seu elogio em prol da segunda forma (a democracia), que se torna, ela também, objeto de crítica, para, então, finalizar tecendo o elogio da terceira forma, a oligarquia por ele apreciada como regime superior. Por último, Dario reproduz a mesma estratégia, mas ampliando ainda mais o alcance de sua crítica, pois ele a faz agora valer seja contra a primeira forma (a democracia de Otanes), ao dar acolhida às críticas que Megabizo já lhe dirigira e acrescentar outras mais, seja contra a segunda (a oligarquia que fora exaltada por este seu predecessor), para, por fim, bater-se em prol de uma forma, monarquia, que é a melhor em um grau ainda superior. O desenvolvimento da argumentação articula-se, portanto, segundo um movimento em espiral, com cada proposição de forma de regime glorificada sendo situada num plano de superioridade sobre a(s) proposta(s) anteriormente exposta(s) a ela.

¹⁰ “Otanes and Darius present parallel but opposite arguments. The former deliberately focuses on the reality of autocracy and the ideal democracy; the latter on the ideal autocracy and the reality of democracy. Their arguments complement rather than refute each other” (LATEINER 1991, p. 170).

Encontra-se uma similar formulação de arquitetura retórica (pre)figurada já no domínio do discurso mítico da epopeia. Assim, por exemplo, considere-se o debate travado pelos Deuses no Conselho Olímpico a fim de decidir a sorte honorífica que seria concedida ao cadáver de Heitor, então ultrajado por um Aquiles em furor colérico contra os troianos.¹¹ Apolo reprovava o comportamento híbrido de Aquiles, reclamando que se deveriam observar as honras devidas à figura de Heitor. Hera anuiu a essa razão aventada pelo deus, porém contestou o procedimento que o filho de Zeus tinha proposto (o rapto, ou furto, do corpo à maneira de Hermes). Reclamou, por sua vez, que honras que eram devidas aos dois heróis, Heitor e Aquiles, não se situavam num mesmo plano, de modo que as que fossem concedidas em prol do primeiro, Heitor, não poderiam nem negar nem tampouco igualizar as que seriam concedidas ao segundo, Aquiles. Zeus, por fim, interveio a tomar a boa decisão que, acolhendo as razões argumentadas pelos dois outros oradores divinos, deslindava os embaraços de suas tramas antagônicas, de maneira a assim harmonizar todas as reclamações e todas as críticas. Príamo iria condignamente honrar Aquiles por súplicas e pagamento de um esplêndido resgate a obter a devolução do cadáver, o qual poderia então receber as honras que lhe eram devidas em Troia.

Na tessitura dessa modalidade de arquitetura textual, o debate herodoteano opera com uma lógica de atribuição cumulativa de excelência, a qual termina por ordenar a hierarquia dos regimes políticos. É assim que, primeiramente, Otanes faz preferir a democracia à monarquia. Esta, monarquia, realiza a pior das formas políticas na medida mesma em que ela concentra todo o poder nas mãos de uma só pessoa, potencializando ao máximo seus efeitos corruptores ao atuar sobre os vícios e as paixões que estigmatizam a natureza humana. É bem melhor um regime que, pelo contrário, busque dissipar tais efeitos dispersando o exercício do poder graças à instituição de uma pluralidade de cargos e funções governamentais que sejam acessíveis a todos os cidadãos, ainda reprimindo os abusos de autoridade por meio de controles institucionais sobrepostos ao exercício de tais cargos e funções.

Megabizo, em seguida, começa concordando com seu predecessor no que respeita à crítica da monarquia, assim denunciada como o pior dos regimes. Porém, ele assim procede exatamente para então fazer voltar agora sua argumentação contra a democracia que fora defendida por Otanes. Sua fala faz agora intervir no debate a consideração de uma outra razão, que fora, todavia, ignorada por seu predecessor: a questão da sapiência humana. A ignorância que estigmatiza a multidão, as massas, só torna as coisas piores, agravando conseqüentemente as deformações e corrupções que já se faziam sentir com a monarquia, a qual, pelo menos, supunha, não obstante, (alg)um fundamento de sabedoria, se bem que condicionado pelo acaso de uma única pessoa que fosse sábia. Haveria, portanto, que refletir sobre a questão de qual era a melhor forma de regime atentando também para este critério e princípio que o fundamenta em termos da

¹¹ Confira-se a análise do texto homérico feita por Paulo Angelo de Meneses Sousa (SOUSA 2001, p. 142-147).

competência de uma direção sábia. O regime ideal seria, conseqüentemente, a oligarquia, cujo exercício do poder cabe justo àqueles poucos homens que são os melhores.

Já Dario, encerrando o debate, conduz esta estratégia argumentativa a seu alcance extremo. Contra a oligarquia de Megabizo, ele pondera que o critério da sapiência, que este considerara em termos de sua forma humana múltipla (os poucos), ficava anulado pela falta ou deficiência que fora acusada já no discurso de Otanes, a saber, o fato de que ela acirra as disputas e rivalidades na detenção do poder. Pois, ao ensejo do que são as piores paixões da natureza humana em seus ódios inflamados, acaba por desembocar em uma situação caótica de *stasis* tão aguda que a restauração da boa ordem política por ela suprimida reclama, como única via de solução, o (re)estabelecimento da monarquia.

Contra a democracia sustentada por Otanes, Dario retoma o argumento que fora empregue já por Megabizo: a carência total de excelência que caracteriza um tal regime faz dele o império da malignidade humana. Se, para a oligarquia, a *stasis* resultava de discórdias, de ódios e de dissensões afloradas no meio dos *oligoi*, cada um deles pretendendo ser melhor que seus parceiros, para a democracia, o reino da violência se espalharia por toda a cidade justamente devido à razão inversa. As amizades solidárias que se estabelecem entre aqueles que, ao se reconhecerem todos como iguais entre si, opor-se-iam às pretensões hegemônicas dos reputados como melhores. De maneira que, também neste caso da democracia, a *stasis* resultante conduziria novamente ao reclamo do (re)estabelecimento da monarquia, o qual agora supõe, da parte do povo, a necessidade que ele sente de encontrar um protetor que o salva do caos.

188

Não, argumenta Dario, é preciso refletir sobre esta questão considerando a fundo o princípio da excelência: bem discernir aquele que merece absolutamente deter o poder porque é considerado o "melhor homem". É assim que ele proclama logo de início: "do que um homem excelente, nada seria melhor" (*andròs gàr henòs toũ arístou oudèn ámeionon àn phanéie*).¹²

Um tal homem excelente, assim absolutamente superior a todos os outros, deve mesmo fazer de si, de seu saber e de suas virtudes, o centro de todo pensamento e decisão política: ele é sua própria medida de discernimento e deliberação, como diria Aristóteles. Eis então o fundamento último da razão política que assegura a superioridade da monarquia, pelo que nos dá a entender a fala discursiva de Dario. A esta razão, o discurso acrescentará ainda, na sequência, duas outras. Primeiro, o fato mesmo da evolução histórica dos regimes, a qual termina sempre desembocando no (re)estabelecimento da monarquia; e, em segundo lugar, o modelo de homem enquanto governante e ancestral que seria necessário considerar: o verdadeiramente melhor, isto é, o virtuoso e respeitador, Ciro, antes do que o pior, o degenerado e transgressor, qual seja, Cambises.

¹² "Rien ne saurait se montrer préférable à un gouvernement unique, s'il est le meilleur" (tradução francesa de Ph.-E. Legrand para a edição da Belles Lettres, HÉRODOTE 1967, p. 133). "I mean, if you have a single person, and he is the best person in the world, how could you improve on that?" (tradução inglesa de Robin Waterfield, HERODOTUS 1998, p. 205). "Nulla, infatti, può apparire meglio di un suolo uomo quando sia il migliore" (tradução italiana de Augusto Fraschetti, para a edição de David Asheri, ERODOTO 1990, p. 115).

Pode-se, certamente, apreciar a trama discursiva do texto herodoteano de maneira a fazer voltar contra a argumentação de Dario, o qual acabara de defender o governo do “melhor dos homens”, as denúncias precedentemente arrazoadas pelo discurso de Otanes, o qual justamente condenava a monarquia. Tal operação de circularidade hermenêutica na leitura do texto dá por homogêneos todos os conceitos por ele consignados, de maneira que a referência ao “melhor homem” feita por Otanes suponha o mesmo tipo e natureza da similar alusão implicada pelo discurso de Dario. O debate, assim lido e interpretado, não chegaria propriamente a uma (re)solução lógica, uma vez que faria transitar interminavelmente sua proposição de um regime ideal. Um percurso em círculo nas transmutações das três formas de regime, indo da monarquia para a democracia, desta para a oligarquia e então desta última (retornando) à monarquia, de modo a indefinir fim e começo porque assim coincidentes e confundidos.

Mas, talvez se possa abordar a leitura do texto considerando a concatenação dos três discursos polarizada antes por sua trama agonística, que ordena hierarquicamente as correspondentes formas de regime propugnada por cada um deles. Considere-se, por exemplo, o esquema conceitual que estrutura a intriga de uma das lendas porque se glorificava a figuração dos Sete Sábios, mais precisamente aquela que contava a história da trípole que circulara entre eles. Alguns pescadores tendo-a arrastado por acaso em suas redes de pesca, e não sabendo então o que fazer com seu achado, terminaram por remeter a solução ao oráculo de Apolo, consultando-o a respeito. Este lhes ordenou que a dessem ao “mais sábio”. Foi, então, inicialmente oferecida a Tales de Mileto, assim reputado ao que acreditavam os milésios. Porém, eis que o sábio recusou a dignidade desse prêmio, afirmando que havia outro mais sábio do que ele, Bias de Priene, recomendando, pois, que a entregassem a este. Bias, entretanto, similarmente embaraçado com o prêmio que lhe era dedicado, disse também que não era ele o mais sábio, mas sim um outro, ao qual a trípole deveria ser oferecida. E assim a trípole foi circulando oferecida de um sábio a outro, acabando por retornar às mãos do primeiro, Tales. Pela (i)lógica da circularidade por que Tales é assim o princípio (con)fundido com o fim, ele é dito mais sábio do que ele mesmo! (I)lógica bem paradoxal de (in)determinação de uma sapiência pessoal superlativa que não chega a nenhuma conclusão, condenada, pois, a fazer circular interminavelmente a trípole entre as mãos dos Sete Sábios. Tales, porém, atinou a (re)solução compreendendo o problema implicado por aquela intriga oracular: que se consagrasse a trípole a Apolo em Delfos!

Assim, a primeira (in)compreensão da ordem oracular, ambígua como de costume, supunha a interpretação da questão referida ao nível dos homens comuns, ordinários, representados por uma sua denominação coletiva, “os milésios”. Eles traduziram a mensagem apolínea em termos exclusivamente humanos: quem seria o “mais sábio” dos homens? Bem naturalmente se decidiram a favor de um de seus compatriotas, justamente assim reputado. A seguir, o encaminhamento da questão é deslocado para um nível superior de entendimento, de maneira a serem contemplados agora apenas “alguns” homens, os “*oligoi*” do círculo dos Sete Sábios. Todavia, enquanto o entendimento da reflexão permanece preso aos horizontes do humano, ela não encontra desfecho

ou saída dos embaraços da lógica de circularidade que a enreda. É preciso, então, abandonar esta primeira suposição, encaminhada pelos “homens comuns”, a qual localizava a sabedoria superlativa no mundo deles mesmos, humanos. Não, ao que discerne a elite dos homens sábios, o “melhor” é sempre um deus, jamais um homem, nem mesmo os que, dentre eles, são sábios.

A arquitetura conceitual, porque se argumenta essa questão da excelência superlativa, ordena assim uma hierarquia em três planos, opondo o de nível mais baixo que integra *os homens* em geral, comuns e ordinários, ao dos *olígoi* ou *aristoí* que lhe é imediatamente superior, para então superpor a este um outro, o mais alto de todos, concernente já aos *deuses*.

Então, na esteira destes enfoques, o quê a argumentação empregue por Dario parece implicar enquanto formulação de um pensamento sobre a excelência? Faria referência a uma figuração bem singular, qual seja, um certo homem, um homem bem excepcional, que não fosse estigmatizado por precisamente aqueles vícios e faltas que se assinalam na natureza humana em geral. Um homem, pois, que não estivesse sujeito às mesmas deficiências e degenerações típicas dos procedimentos e comportamentos que afetam todos os outros homens. Alguém, portanto, que, graças à sua consistência sapiencial e sua correspondente justiça ética, assim singulares e excepcionais, fosse como um deus entre os homens. Em suma, um *herói*, essa categoria conceitual de definição essencialmente ambígua que permite pensar uma equação, entretanto, contraditória na medida em que (con)funde divino com humano. O herói é humano porquanto mortal, de que a existência transcorre no domínio do mundo terrestre; porém, se qualifica também como divino justamente em razão da figura superlativa de excelência, sua *areté*, que o distingue e diferencia de todos os outros homens, situando-o superiormente a estes. Aquele que, entre os homens, aparece “como um deus”, assim reclamando, por e para sua pessoa, uma sinonímia de “realeza”, ao que arrazoia, pela representação mítica da epopeia homérica, Sarpédon a seu parceiro régio Glauco em meio aos combates troianos.

Tal seria, então, o fundamento, certamente *mítico*, intrigado para a plena compreensão do conceito de monarquia formulado pela fala de Dario enquanto forma de regime ideal. A formulação do debate persa suporia nesse caso a razão de uma diferença: sua narração diz Dario bem como um homem, mas a história que ele conta o apresenta antes como “*herói*”. Caso seja assim referida à figura de Dario tal categorização heroica, plenifica-se a coerência de disputa agonística de que a narração herodoteana compõe o cenário e ambiente. Seu discurso seria bem e justamente o vencedor de tal prova retórica na medida mesma em que por ele Dario afirmava sua superlativa sabedoria deliberativa, isto é, uma sapiência de ordem divina. Registro memorizado de excelência heroica que, na sequência da narrativa herodoteana, se complementa ainda no domínio da inteligência prática, no âmbito dos recursos e artes da *métis*, assim também o revelando manifestamente como o objeto humano da predileção divina.¹³

¹³ Confirmam-se as análises desenvolvidas por Paulo Angelo de Meneses Souza (SOUSA 2001, p. 152-173).

Nesse caso, a hermenêutica do texto de Heródoto suporia a dualidade complementar de um jogo semântico: a afirmação do *lógos dominante* da linguagem em que ele se exprime ocultaria como *recessiva* a memória da linguagem do *mito* que seria assim (im)perceptivelmente elidido.¹⁴

Referências bibliográficas

- ASSOUN, Paul-Laurent. **Marx e a repetição histórica**. Tradução de Wilson Sidney Lobato. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- CANFORA, Luciano. Le citoyen. In: VERNANT, Jean-Pierre (dir.). **L'homme grec**. Paris : Éditions du Seuil, 1993, p. 171-216.
- ERODOTO. **Le Storie**: volume III. Introduzione e commento di David Asheri, testo critico di Silvio M. Medaglia e traduzione di Augusto Fraschetti. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1990.
- FLORY, Stewart. **The archaic smile of Herodotus**. Detroit: Wayne State University Press, 1987.
- FORNARA, Charles William. **The nature of history in Ancient Greece and Rome**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1988.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte : Editora UFMG, 1999.
- HÉRODOTE. **Histoires**: livre III. Texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- HERÓDOTO. **História**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- HERODOTUS. **The histories**: a new translation by Robin Waterfield. Oxford-New York: Oxford University Press, 1998.

¹⁴ Jacob Stern (STERN 1989) busca identificar nas histórias de Heródoto os indícios de “desmitologização” porque se explicam e confundem as racionalizações historicizantes que as mesmas tentam consolidar. Nossa reflexão vale-se antes da ideia de que o processo de memorização histórica porque se dá a dialética entre mito e *lógos* pode ser equacionada em termos dos conceitos de *registro de memória e linguagem dominante versus recessivo*. Tais conceitos são utilizados no sentido de sua concepção propriamente genética como o supõe a reflexão formulada por Paul-Laurent Assoun em *Marx e a repetição histórica* (ASSOUN 1979, p. 11). Por outro lado, tal configuração hermenêutica de pensar no corpo do texto a conjugação de uma memória e sentido dominante conta outra recessiva que a formulação *mithistória* denotasse toma também inspiração em uma reflexão de Hannah Arendt elaborada em *Entre o passado e o futuro* de que aqui reproduzimos os teores por nós assim entendidos (consta no ensaio *O fardo e o fio* editado em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/>): “O que essa tradição revolucionária colocara como o fim da história nada mais é então, pela reflexão de Hannah Arendt, paradoxal e ironicamente o princípio, a *pólis* grega. É que, argumenta a teórica do pensamento político-filosófico, pesou contra Marx o que pesara também contra todos aqueles que, no século XIX (Kierkegard, Nietzsche), ousaram desafiar e investir contra a tradição. Para inverter a hierarquia conceitual da tradição, para por Hegel de cabeça para baixo, o preço pago como tributo foi o fato sub-reptício de ter que supor os próprios conceitos da tradição que se pretendia inverter. O desafio ambicioso que almeja destruir a tradição, ao operar sua crítica, o faz, todavia, nos quadros das categorias e conceitos justamente teorizados por essa tradição, sendo dela prisioneiro. De modo que a crítica movida pelos agentes destruidores da tradição no século XIX, embora teçam o fim da tradição, não rompem com ela, nem quebram sua existência, antes a prolongam e a desdobram, fazendo-a perdurar e persistir na crítica e pela própria crítica. Daí seu irônico paradoxo, verdadeira peripécia que se tem por um desfecho exatamente oposto, inverso, ao almejado e intentado. Os mortos, pelo que é assim argumentado, não enterram seus mortos e, pior, os mortos ainda vivem e se reproduzem nos corpos mesmos de seus assassinos”. Transferimos livremente essa reflexão para a crítica do *mito* que a inauguração da *história* entre os antigos gregos com Hecateu, Heródoto e especialmente Tucídides intriga. Confira-se, precisamente nesse sentido, nossa obra *Mithistória* (1999).

- LASSERRE, François. Hérodote et Protagoras: Le débat sur les constitutions, **Museum Helveticum**, 13, 1976, p. 65-84.
- LATEINER, Donald. **The historical method of Herodotus**. Toronto; Buffalo; London: University of Toronto Press, 1991.
- MOLES, J. L. Truth and untruth in Herodotus and Thucydides. In: GILL, Christopher; WISEMAN, T.P. (ed.). **Lies and Fiction in the Ancient World**. Exeter: University of Exeter Press, 1993.
- MURARI PIRES, Francisco. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 1999.
- ROMM, James. **Herodotus**. Foreword by John Herington. New Haven and London: Yale University Press, 1998.
- SOUSA, Paulo Angelo de Meneses. **O debate persa em Heródoto (Histórias III,80-82)**. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 2001.
- STERN, Jacob. Demythologization in Herodotus: 5.92, **Eranos**, 87, 1989, p. 13-20.
- THOMPSON, Norma. **Herodotus and the origins of the political community: Arion's Leap**. New Haven and London: Yale University Press, 1996.
- WATERS, K.H. **Herodotus the historian: his Problems, methods and originality**. Norman: University of Oklahoma Press, 1985.